

MULHERES CANAVIEIRAS: AS SINGULARIDADES DO TRABALHO REALIZADO PELAS “BITUQUEIRAS” NO AGRONEGÓCIO SUCROALCOOLEIRO NO MUNICÍPIO DE ITABERAÍ-GO

CANAVIEIRAS WOMEN: THE ACTIVITIES OF BY SINGULARITIES "BITUQUEIRAS" IN AGRIBUSINESS SUGAR AND ALCOHOL THE COUNTY ITABERAÍ-GO

Ana Michelle Santos¹

anamichele_alfa@hotmail.com

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos a situação das trabalhadoras canavieiras, mais conhecidas como “bituqueiras” no agronegócio no município de Itaberaí-GO. A partir desse objetivo, avaliamos o território sucroalcooleiro, que expandi a fronteira agrícola canavieira e intensifica a precarização das condições dos trabalhadores. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica para analisar como se constitui o território do agronegócio da cana-de-açúcar no município de Itaberaí-GO e também realizamos pesquisa de campo no sindicato dos trabalhadores rurais do município, com as trabalhadoras no terminal do trabalhador rural Luiz A. Ório e com um “gato” para entender como se estabeleceu o trabalho das “bituqueiras” presente no canavial.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; “Bituqueiras”; Agronegócio; Cana-de-açúcar; Município de Itaberaí-GO.

ABSTRACT

In this study we analyzed the situation of sugarcane workers, better known as "bituqueiras" in agribusiness in the municipality of Itaberaí-Go. With this purpose, we evaluated the sugarcane territory to expand the sugarcane agricultural frontier and intensifies the precarious conditions of workers. The methodology was the literature to analyze how is the territory of agribusiness of cane sugar in the municipality of Itaberaí-Go and also conduct field research in the Rural Workers Union in the city, with the workers at the terminal of rural workers Luiz A. Orio and a "cat" to understand ourselves as the work of "bituqueiras" present in the sugarcane fields.

KEYWORDS: Women; "Bituqueiras"; Agribusiness; Sugar cane; City of Itaberaí-Go.

INTRODUÇÃO

“Sou uma trabalhadora importante, sem mim não há produção de cana e nem de álcool”. Catadora de “bitucas” no município de Itaberaí-GO ao ser perguntada o que ela se considera no canavial. (2011).

¹ Mestranda em Geografia pela UFG (Universidade Federal de Goiás), no IESA (Instituto de Estudos Sócio Ambientais), membro do grupo de pesquisa NEPAT (Núcleo de Estudos e pesquisas agrárias e territoriais).

Neste artigo iremos destacar a presença da figura feminina no cultivo de cana-de-açúcar no município de Itaberaí, no estado de Goiás. Nosso objetivo é retratar as singularidades que norteiam o trabalho dessas sujeitas no agronegócio nesse município de Itaberaí.

Desse modo, como recorte territorial goiano da produção sucroalcooleira analisamos o município de Itaberaí que cresce e tem se tornado uma das grandes referências no centro sul goiano da presença territorial da cana, sendo um polo potencial que alimenta e impulsiona esse mercado agrícola. Esse cenário agrícola nos leva a querer entender as singularidades presentes nos impactos sociais que a cana-de-açúcar representa para as questões agrárias goianas, particularmente nos instiga à realização das análises ligadas às relações e as condições de trabalho que vêm sendo constituída no processo de cultivo da cana-de-açúcar.

É importante destacar que os canaviais no município de Itaberaí-GO não estão repletos de homens, pois existe a presença de mulheres nos canaviais. Essas mulheres não cortam cana, elas realizam o trabalho de “catar as bitucas” de canas, que são pedaços das canas cortadas que sobram.

Dispomos-nos a dar visibilidade para essas trabalhadoras e percebemos algumas peculiaridades que são analisadas nessa pesquisa. Buscamos então bases teóricas que permitiram a compreensão das relações trabalhistas nos canaviais, assim partindo dos princípios da Geografia Crítica, temos a Geografia do trabalho que é a base para as análises do trabalho assalariado no campo.

Desse modo, a corrente teórica metodológica que fundamenta essa pesquisa, é a Geografia Crítica com ênfase na Geografia do trabalho. Assim essa é uma pesquisa de cunho qualitativo, que com base na análise teórica crítica, busca descrever os fenômeno e analisá-lo de maneira crítica.

Foi realizada coleta de dados e informações em jornais, revistas e periódicos acadêmicos que foram tomadas para apontar e analisar as principais características da monocultura, as atualidades da produção da cana-de-açúcar no estado de Goiás e no município de Itaberaí-GO.

Também, foi realizada pesquisa na internet para obtenção de estudos relacionados aos avanços teóricos, com coleta de dados sobre a crescente demanda do cultivo de cana, ou seja, dados sobre o histórico e atualidades dessa produção no Brasil, no estado de Goiás e no município de Itaberaí-GO.

Em outro momento, foi realizado estudo de campo no município de Itaberaí-GO no sindicato dos trabalhadores rurais, no terminal do trabalhador Luiz A. Ório para observação e realização das entrevistas averiguando assim, também, as relações entre os sujeitos canavieiros.

Realizamos entrevista com a pessoa que faz o papel do “gato” no município de Itaberaí-GO, que chamaremos de Maria, sobre a experiência e o cotidiano do trabalhador canavieiro e a presença do “gato” como contratador, elucidando relatos para análise de trabalho no campo.

Nesse sentido, realizamos entrevistas estruturadas com 12 mulheres “bituqueiras”. O nosso foco foi de apreender e fazer uma leitura do cotidiano de trabalho dessas trabalhadoras canavieiras.

Analisar o trabalho dessas mulheres “bituqueiras” é buscar alicerce para desvendar a lógica de exploração do sistema capitalista sobre os sujeitos trabalhadores, que estão inseridos na produção agroindustrial do açúcar e do álcool. Nesse processo destacamos que o sujeito dessa análise não é o capital, e sim o trabalhador que realiza trabalho assalariado no campo mediante modo de produção econômica e social degradante. Nesse cenário, são estabelecidas relações que estão à mercê de um território massacrante sobre os trabalhadores e trabalhadoras, construindo relações trabalhistas frágeis, precárias e extremamente desiguais.

Debruçamos então nossas análises sobre essas sujeitas que são posto atrás das cortinas e que não são consideradas relevantes no sistema agroindustrial. Esse fato pode ser comprovado quando analisamos os altos investimentos que são realizados para a manutenção e para a expansão do agronegócio sucroalcooleira, como no caso do Programa Nacional de álcool (PROALCOOL) além dos altos lucros dessa produção que só é possível em detrimento dos salários irrisórios, das condições desumanas caracterizadas pela superexploração e precariedade do trabalho nos canaviais.

Algo preocupante ainda é que as trabalhadoras que são postas nessa dinâmica, possuem um perfil compatível e diga-se mais, suscetíveis a superexploração. Na maioria das vezes essas são jovens adultos, com pouca ou nenhuma escolaridade e vem no trabalho de “catar bitucas” de cana, algo mais rentável do que o trabalho direcionado ao gênero feminino no município de Itaberaí-GO. Nesse sentido, são fechados os olhos para essas características que muitas vezes não são consideradas relevantes para perceber que o agronegócio cria um sistema com mão-de-obra singular a sua exploração.

Assim, a disposição dessas mulheres em se mostrarem para a pesquisa e revelar a realidade de superexploração que eles vivenciam no agronegócio sucroalcooleiro, conduziu toda a reflexão desse trabalho.

Destacamos que buscamos realizar uma leitura desse amargo que vive os trabalhadores, tentou-se assim entender as relações de trabalho analisando a superexploração do trabalhador no agronegócio sucroalcooleiro e apresentamos nossas análises nesse trabalho.

A TOMADA DO TERRITÓRIO GOIANO PELA LAVOURA CANAVIEIRA

O cultivo de cana-de-açúcar até a década de 1970 não era expressivo em terras do Centro-Oeste, entretanto a expansão dos lucros que produtores-usineiros financiados pelo governo com programas como o PROÁLCOOL e outros naturais têm conseguido despertar para o cultivo extrativista no Estado de Goiás.

Sobre esse aumento na produção de cana-de-açúcar, Loyola (2010) afirma que no estado de Goiás a indústria canavieira teve o início de suas atividades em meados da década de 1950 antes da implantação do Proálcool, com a produção de açúcar nas cidades de Santa Helena e Barro Alto, mas teve seu primeiro pico de crescimento só na década de 1980 devido a implementação do Programa Nacional de Álcool (PRÓALCOOL). Municípios como Acreúna, Caçu, Jataí, Montividiu, Paraúna, Quirinópolis e Serranópolis, Itumbiara, são algumas das localidades onde a produção de cana se instalou inicialmente.

Merece destaque a quantidade de cana-de-açúcar produzida no estado de Goiás nos últimos 17 anos, como demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1-Quantidade (t) de cana-de-açúcar no período de entressafra do Setor sucroenergético em Goiás entre 1993 a 2010



Fonte - SEPIN-GO (2010)
Org. – AUTOR. (2011).

Percebemos que esse aumento na quantidade produzida no período de entressafra, a partir de 2005/2006, possui significativa relevância, isso se deve aos investimentos do governo para assegurar o vertiginoso crescimento do agronegócio sucroalcooleiro no cenário nacional, local e regional.

Goiás (2012) informou que o estado de Goiás permanece em 4º lugar, mas com vista a crescimento. Percebemos que o estado de Goiás praticamente inteiro foi tomado pelas lavouras de açúcar, com exceção de poucas áreas. Destacamos as regiões centro sul, sudeste, sudoeste e no noroeste, com maior produção por tonelada no estado, onde existem terras fartas, com latifúndios, e possibilidade de uso de maquinário além dos investimentos direcionados para elas.

Essa tomada de terras goianas pelo cultivo de cana modifica o panorama nos municípios do estado dando a eles outra conotividade no que se refere a dinâmica de produção alimentícia e das relações de trabalho. Nesse processo a mão-de-obra especializada para esse trabalho (não qualificada) da cana normalmente vem de fora e pouco auxilia na evolução dos empregos e na circulação da renda na região produtora, ao ponto desse fato gerar subempregos.

A questão é: o que tem atraído a expansão do cultivo da lavoura de cana-de-açúcar e usinas no estado de Goiás? E para quem essa expansão tem beneficiado? Em

primeiro lugar, a própria dinâmica do etanol, visível nos carros bi-flex e no Programa Nacional de Álcool (PRÓALCOOL) que exigem mais e mais para abastecer o mercado interno e principalmente externo e ao aumento de produtores que se somam a voraz necessidade dos lucros. Em segundo, estão as várias disponibilidades e facilidades que o estado de Goiás proporciona, destacando-se fatores naturais e econômicos além dessa cultura gerar lucros maiores do que outras culturais tradicionais no estado de Goiás beneficiando, assim, os grandes produtores rurais.

Observamos que a farta disponibilidade de terras agricultáveis, uma disponibilidade hídrica compatível com a cultura, topografia que permite a mecanização e condições climáticas adequadas para boas produtividades. Assim Castro (2008) afirma que:

[...] 95% do terreno do estado, é favorável ao cultivo da cana (declives entre 0 – 12%), bem como 80% das classes de solo encontram-se com alto potencial de cultivo para a cana, onde nota-se um predomínio dos Latossolos, seguido dos Argissolos e Cambissolos. (CASTRO, 2008, p.18).

A ação do governo estadual por meio do Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás (PRODUZIR), pelo qual o governo: reduziu o valor do ICMS mensal tendo como objetivo incrementar a implantação; estimulou a expansão das indústrias para a promoção do desenvolvimento do Estado além dos reajustes tributários que incentivam o setor. Como exemplo desses incentivos, a Centroálcool com sede em Inhumas é fruto do PRODUZIR, e possui na frente da usina uma placa informando que conta com os investimentos desse programa, como podemos ver na foto 1.

Foto 1 - Placa do PRODUZIR indicando que a usina Centroálcool no município de Inhumas recebeu investimentos desse programa-2011



Fonte - Pesquisa de Campo (2011)
Autor – SANTOS, A. M. F. T dos. (2011).

Loyola (2010) afirma que outro fator que favorece a produção de cana-de-açúcar no Estado de Goiás é a possibilidade de expansão desta cultura na região, principalmente com as restrições de crescimento exibidas no Zoneamento Agroecológico da cana-de-açúcar, aprovado em 2009 pelo Governo Federal, que veta a produção de cana na Bacia Amazônica, no Pantanal e na bacia do Alto Paraguai.

Os aspectos que favorecem o cultivo de cana-de-açúcar no estado de Goiás são como verdadeiros instrumentos estratégicos do agronegócio, que servem, antes de tudo, para constituir e dar vida ao território do agronegócio sucroalcooleiro. Nessa visão crítica, deve-se questionar o real motivo da inserção do cultivo da lavoura de cana-de-açúcar no estado de Goiás, ou seja, a essência que está acima desses aspectos ditos favoráveis. Que sem dúvida constitui parte do território do agronegócio sucroalcooleiro no âmbito municipal, estadual e nacional.

Buscando suscitar respostas, são colocadas em discussão questões que levam a apontamentos e definições. Partindo de uma colocação de Loyola (2010) qual afirma que

[...] o crescimento na produção de cana-de-açúcar tem como principal base à expansão de área e não o aumento de produtividade, o que colocou a cultura da cana-de-açúcar em terceiro lugar dentre as mais cultivadas no país e gerou um deslocamento de parte da produção para a região Centro Oeste. (LOYOLA, 2010, p. 1).

Diante dessa afirmação podemos inferir que o que configura o crescimento ou o *boom* da cana-de-açúcar no estado de Goiás, não é o aumento da produtividade, mas sim sua inserção em territórios dantes pertencentes tradicionalmente a pecuárias, a outras lavouras como o sorgo e o milho, arroz e feijão.

Esse fato vem reafirmando os direcionamentos agroexportadores que o álcool tem adquirido na dinâmica do Brasil sintetizando uma relação de apropriação de territórios com base na afirmação do agronegócio como elemento fundamental para a agricultura, não para a produção alimentícia, mas para a produção visando a exportação.

Nessa atual conjuntura de crescente demanda de cana-de-açúcar, Oliveira (2007) afirma que não há dúvidas de que a grande mola propulsora do processo de expansão recente do setor tem sido a possibilidade de conquista de um mercado em potencial no exterior (Estados Unidos, a Europa e a Ásia, especialmente o Japão), e a possibilidade de tornar o álcool uma *commodity* no mercado internacional, bem como de

expandir o mercado interno do álcool, estimulado pelo aumento do consumo de carros de modelos bi-flex (fruto tecnológico brasileiro).

Pensando sobre os arranjos desencadeados pelo agronegócio canavieiro, têm-se como elemento importante e componente da produção sucroalcooleira as usinas que tem o papel de transformar a cana-de-açúcar em seus subprodutos, como álcool.

O estado de Goiás, então, se torna território da expansão do cultivo de cana devido elementos diversos, entre alguns, já apontados, está também o desgaste já previsto de áreas utilizadas tradicionalmente para o plantio de cana-de-açúcar. Vê-se então que não tendo como se expandir em áreas que já foram massacradas pelo agronegócio sucroalcooleiro, esse mesmo agronegócio, buscando se manter vivo e voraz, busca estabelecer-se em novos territórios, e em áreas do Cerrado, onde esse se torna objeto de exploração.

Os arranjos do agronegócio sucroalcooleiro englobam um vasto mercado, em que as usinas desempenham papel importante. A distribuição dessas usinas no território do estado de Goiás ocorre de forma semelhante a expansão da lavoura de cana-de-açúcar. As usinas escolhem suas localizações baseadas nas características naturais de cada região como o grau de industrialização, disponibilidade de terras, condições, possibilidades de escoamento da produção. Como resultado, observa-se uma concentração das usinas no sudoeste do estado, local onde se observa a maior área plantada com a lavoura de cana-de-açúcar.

A distribuição das usinas no território do estado de Goiás ocorre de forma semelhante a expansão da lavoura de cana-de-açúcar. As usinas escolhem suas localizações baseadas nas características naturais de cada região como o grau de industrialização, disponibilidade de terras, condições, possibilidades de escoamento da produção. De acordo com cadastramento do Ministério da Agricultura Planejamento e Abastecimento (MAPA, 2011), são 35 usinas no estado de Goiás, com perspectiva de chegar a 100 até o ano de 2020.

Essa presença das usinas no cultivo de cana traz para o campo incorporação das técnicas industriais, características do meio urbano, sobre isso, Thomaz Júnior (2009) critica:

[...] à implantação de características tidas como urbanas, no campo, tais como infraestrutura de transporte, saúde, comunicações, água potável, energia elétrica, educação etc., passam a definir a *modernidade* no campo. Se isso não bastasse, não reconhecem aspectos imperiosos para o mundo camponês, representados pelas

técnicas de plantio tradicionais, as sementes crioulas [...]. (THOMAZ JÚNIOR, 2009, p.359).

Todo esse cenário de expansão no Brasil e em áreas não tradicionais utilizadas para a cultura canavieira, como no estado de Goiás, tem impactado aspectos econômicos, como por exemplo, o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) do estado de Goiás, segundo dados colhidos em Goiás (2011) apresentou um aumento de quase 32% do ano de 1999 para o ano de 2006.

Poderia afirmar que tal aumento do Produto Interno Bruto (PIB) do estado é fruto de uma dinâmica crescente da econômica, entretanto não podemos rejeitar a ligação desse aumento com a crescente demanda de produção sucroalcooleira nesse estado.

Reconhecemos que os números econômicos possuem representação positiva para a balança comercial do estado de Goiás e para os municípios goianos, mas é importante salientar que esses ganhos econômicos só se dão a custo de relações trabalhistas frágeis com base na exploração do trabalhador no viés das relações de trabalho desigualizantes. Analisaremos na próxima seção o município de Itaberaí como território da expansão do agronegócio sucroalcooleiro.

O MUNICÍPIO DE ITABERAÍ-GO: EXPANSÃO RECENTE DO TERRITÓRIO DO AGRONEGÓCIO SUCROALCOOLEIRO NO ESTADO DE GOIÁS

O aumento da produção de cana-de-açúcar, no estado de Goiás tem em seus municípios espaços vitais para a constituição do agronegócio sucroalcooleiro, ao ponto desse novo cenário abranger o município de Itaberaí-GO como território do agronegócio canavieiro. Esse contexto está configurando o município de Itaberaí-GO como território agrícola importante para o agronegócio sucroalcooleiro. Essa expansão canavieira impulsiona vários aspectos como o aumento de trabalhadores assalariados no campo e a intensificação da superexploração dos trabalhadores.

Atualmente o município é grande produtor de cana-de-açúcar e vem se destacando na região do Mato Grosso de Goiás, pela expressiva produção agrícola e intensa criação de gado, além da tradicional exploração de jazidas de calcário da Serra

Gongomé. Tem grande representatividade na agricultura e pecuária, sendo grande produtor de tomate, laranja, feijão, além da uva².

Assim, o cultivo de cana-de-açúcar no município de Itaberaí-GO, adentrou o cenário agrícola itaberino por volta da década de 1980 e substituiu, por meio do arrendamento, cultivos primários como o arroz e feijão. Tal fato é comprovado quando obteve a informação no sindicato dos trabalhadores rurais que o município possui cerca de 80% das terras do município arrendadas para o cultivo de cana, ocupando mais de 500 alqueires de terras, o que futuramente pode vir a caracterizar uma monocultura dominante na região.

O presidente do sindicato, José Jackson Ribeiro informou que ambas as empresas, a Centroálcool, Vale Verde e a Anicuns S/A não compraram terras no município, mas o contrato de arrendamento é de 10 até 20 anos.

Também é preciso destacar que o município de Itaberaí-GO, atualmente, é uma região caracterizada pela maciça presença de médias e pequenas propriedades, o que sinaliza que as empresas têm arrendado terras de médios e de pequenos produtores e não de grandes porções de terras como de costumes para a plantação de lavouras do porte da cana-de-açúcar.

Ainda, o presidente do sindicato nos informou que cada vez mais o cultivo da lavoura de cana-de-açúcar tem crescido e as pequenas propriedades tem sido palco de arrendamentos longos que degradam a terra e quando finda esses contratos os pequenos proprietários resgatam as terras praticamente insalubres.

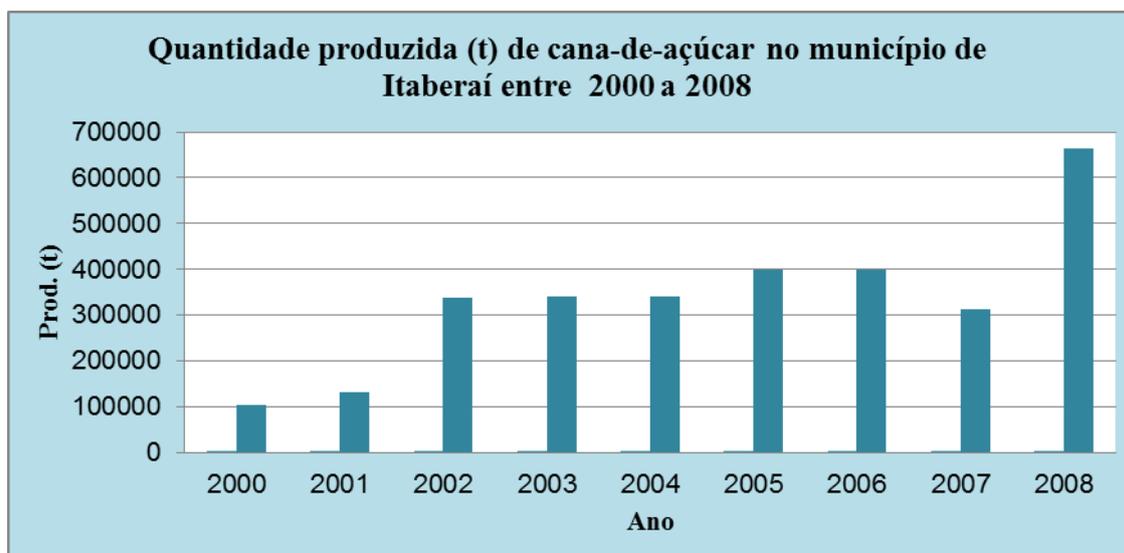
Concluimos então que nesse processo os arrendatários extraem o que querem da terra e os preços pagos durante os anos de arrendamento não custeiam a extração intensiva que a terra sofreu. Esses arrendamentos, cada vez mais dominantes no município, tende a desarticular a lógica camponesa, como por exemplo, as relações estruturadas para a produção alimentícia baseada nas relações de trabalho entre familiares, transformando o município em mero produtor de *commoditie*, como a cana-de-açúcar trazendo possíveis prejuízos para a dinâmica econômica, local e regional com o encarecimento dos alimentos e, para a dinâmica social ao expropriar a mão-de-obra.

² Informações obtidas em pesquisa de campo, no município de Itaberaí-GO, com entrevista ao presidente José Jackson Ribeiro e ao secretário Romildo Silva de Assis no sindicato dos trabalhadores rurais do município de Itaberaí. (Informações verbais) Em: 28 de setembro de 2010 e em 23 de agosto de 2011.

Sobre os municípios com características rentáveis para a exploração do agronegócio, a água é um fator relevante. No município de Itaberaí-GO o plantio, é muito irrigado, e alguns cultivos têm avançado nas beiradas dos leitos dos rios, adentrando cada vez mais nas terras e em algumas áreas de preservação ambiental, onde tal cultivo destrói as matas ciliares.

O período de plantação varia conforme os índices pluviométricos, ou seja, o período de chuva, sendo em média a plantação em novembro e a colheita em março ou maio o que permite uma quantidade considerável de colheita, estimulando os usineiros a investirem nessa cultura. O gráfico 1 demonstra o crescimento vertiginoso dessa cultura no município de Itaberaí-GO entre o ano de 2000 e o ano de 2008.

Gráfico 1 - Quantidade produzida (t) de cana-de-açúcar no município de Itaberaí-GO entre 2000 a 2008



Fonte - SEPIN-GO (2010)

Org. – SANTOS, A. M. F. T. dos. (2011).

Percebemos que a quantidade de produção de cana-de-açúcar é grande e tem se alavancado com o decorrer dos anos, fortalecendo a produção nacional e intensificando o contingente de trabalhadores superexplorados pelo agronegócio sucroalcooleiro. Sobre o agronegócio no município de Itaberaí-GO, é nítido que esse modelo de produção já existia, mas com a cana-de-açúcar se configura um agronegócio que compõe toda uma dinâmica nacional e estadual baseada na monocultura.

As empresas que se utilizam da cana-de-açúcar produzida nos canaviais em Itaberaí-GO e principalmente da mão-de-obra que é instalada nesse município são a

Centroálcool com sede localizada em Inhumas, e, a Vale Verde, com sede em Itapuranga e a Anicuns S/A, com sede em Americano do Brasil, ambas pertencem ao grupo Farias. Segundo Deus e Ferreira (2010, p.75), a Vale Verde de Itapuranga comercializa o álcool produzido nos estados das regiões brasileiras do Centro-Oeste, Norte, Nordeste e Sudeste.

Comprovamos pela foto 2 que em 2007 existia a intenção de implantar uma usina da empresa Vale Verde, do Grupo Farias. O sindicato dos trabalhadores informou que ainda há esse projeto de implantação da usina só que foi adiado por motivos não justificados.

Foto 2-Terras para implantação de usina no município de Itaberaí-GO-2011



Fonte - Pesquisa de Campo (2011)

Autor – SANTOS, A. M. F. T dos. (2011).

Ainda sobre o agronegócio no município, esse possui certa distinção da orientação geral desse sistema. Enquanto há uma divisão sistêmica entre produtores e processamento da cana em álcool, em Itaberaí-GO a própria empresa arrenda ou compra as terras é a mesma que processa e vende. Isso demonstra a autonomia do agronegócio sucroalcooleiro pelas empresas que cultivam cana-de-açúcar no município.

Desse modo, percebemos que o agronegócio sucroalcooleiro no município de Itaberaí se configura, a partir de características hegemônicas, que são:

- Monocultura;
- Mão de obra com predominância nordestina;
- Investimentos e financiamentos do Estado;
- Compra e arrendamento de terras;

- Expropriação de terras camponesas usadas para a produção de alimentos;
- Desarticulação do território do campo pelo território do agronegócio;
- A exploração e a expropriação do trabalhador.

Pensando nisso, na próxima seção colocamos em discussão as sujeitas que se relacionam no campo por meio da cultura de cana-de-açúcar, enfocando o trabalho no agronegócio. Nessa seção são analisadas essas mulheres, enfocando as peculiaridades que as cercam nos canaviais do município de Itaberaí.

QUEM SÃO AS “BITUQUEIRAS” DOS CANAVIAIS NO MUNICÍPIO DE ITABERAÍ-GO?

Temos a intenção de desvendar quem são as “bituqueiras” no município de Itaberaí. Isso nos leva a mostrar a “cara” do trabalho realizado nos canaviais por essas mulheres, revelando a predileção do agronegócio sucroalcooleiro por características favoráveis à exploração.

O perfil das 12 trabalhadoras³ “bituqueiras” entrevistadas é caracterizado por mulheres adultas variando de 28 anos até 44 anos. Dessas trabalhadoras, 33,3% tem 31 anos de idade, ainda 33,2% estão com 42 anos e 44 anos e, 33,2% variam de 28 anos até 39 anos de idade. Isso nos revela uma predominância nítida de mulheres adultas que estão no trabalho da cana.

Quanto à naturalidade, as mulheres entrevistadas revelam que são 58,3% nascidas no nordeste e não no município de Itaberaí-GO. Essas nordestinas são nascidas na Bahia (33,3%) e no Maranhão (25%), sendo mãos de obra oriundas da região nordestina brasileira caracterizada pela precariedade de vida. Nesse aspecto, percebemos nas mulheres a diferença entre nascidas fora do município e as nascidas no município, pois 41,6% informaram ser naturais do município de Itaberaí-GO.

Isso revela que, em distinção à mão de obra do gênero masculino, uma boa quantidade das trabalhadoras é nascida e moradora do município onde se produz a cana-de-açúcar, isso é um indicativo uma vertente de análise. A primeira é que as mulheres do município de Itaberaí-GO veem no trabalho de “bituqueiras” um emprego mais rentável

³ Informações obtidas em estudo de campo, no município de Itaberaí, com entrevista a doze trabalhadoras. As entrevistas ocorreram no ponto de ônibus em que elas se reuniram para serem direcionadas até os canaviais. (Informações verbais) Em: 28 de setembro de 2010 e em 23 de agosto de 2011.

comparado aos outros empregos ou trabalhos que o município oferece, como por exemplo, doméstica e faxineira. Pode se confirmar isso pela fala do “gato” Maria que afirma que as trabalhadoras esperam o tempo de safra para trabalhar, e, com o dinheiro do acerto, buscam se manter no período de entressafra para que possam trabalhar novamente. O “gato” também ressalta que para aquelas que não conseguem se manter com o dinheiro do acerto, só resta trabalhar nesses outros empregos. Isso cria no município um quadro que se constrói com um delimitador: o período de safra e entressafra, cuja dinâmica econômica do município esta subjugada na produção e na plantação de cana.

Essas trabalhadoras podem ser caracterizadas também pela pouca escolaridade, pois que 66,6% das “bituqueiras” estudaram da 2º série até 5º série, ou seja, a primeira fase do Ensino Fundamental. Somaram-se 8,3% as que estudaram até a 5º série da segunda fase do Ensino Fundamental. Ainda comprovando a pouca escolaridade 25% das trabalhadoras informaram que nunca frequentaram a escola.

Esses dados revelam que o perfil das “bituqueiras” é caracterizado pela pouca ou nenhuma escolaridade e ainda notamos que nenhuma das entrevistadas tem, por exemplo, o Ensino Médio, diferenciando-se do índice de escolaridade de alguns motoristas e fiscais.

Outra questão é que perguntamos para o “gato” o que os trabalhadores achavam do termo boia-fria, o “gato” respondeu que *“os fiscais chamam a gente de boia-fria e falam “vem comer boia-fria” e a gente responde que nós somos é boia-quente”*. Essa fala comprova que os trabalhadores não se identificam com o termo boia-fria e ainda que para eles o termo não soa bem e sim como pejorativo.

Diante disso, levantou-se uma questão, a de que essa construção da personalidade vinculada estritamente com a função exercida no canavial é um tipo de desterritorialização, que tira o território do sujeito enquanto ser social construindo uma ideologia do trabalho que o põe unicamente como mão de obra. Isso é o retrato do trabalho “estranhado” presente na realidade da produção sucroalcooleira que também tem território no município de Itaberáí.

Salientando essa questão vinculada ao trabalho que não valoriza o sujeito. É nítido que nos trabalhadores, ainda mais do gênero feminino, estabelece-se uma sobreposição entre o que elas são e o trabalho que é realizado no canavial, visto que das mulheres entrevistadas 83,4% disseram ser trabalhadoras “bituqueiras” e apenas 16,6% conseguem se ver como importante, afirmando *“sou tudo, sou muita coisa”*.

Para realizar a função de “catar bitucas”, 91,6% das trabalhadoras entrevistadas responderam receber todos os instrumentos de trabalho. Notamos um diferencial entre os trabalhadores do gênero feminino e do masculino, enquanto os homens têm como principal instrumento de trabalho o podão, as mulheres só tem a luva e os uniformes, que nem sempre são utilizados. Destacamos que 8,4% das entrevistadas responderam que não receberam instrumento de trabalho.

Em relação ao treinamento, para lidar com esses instrumentos e para realizar o trabalho, apenas 16,8% das trabalhadoras responderam que não tiveram nenhum tipo de instrução. As 83,2% que afirmaram receber treinamento, fizeram uma confusão, uma vez que, informaram ter participado de “*palestra*”, “*reunião no início da safra*” e “*ginástica*”, não sendo esses caracterizados como um treinamento.

Outra característica do trabalho nos canaviais, relacionada ao gênero feminino, é o pouco tempo que elas exercem esse trabalho, pois 83,4% das trabalhadoras estão nesse trabalho de 2 anos até no máximo 4 anos. Ainda, 16,6% informaram que estão catando “bituca” de 4 meses a 1 ano. Esse curto período aponta que as trabalhadoras não ficam muito tempo no trabalho de “catar bituca” uma vez que esse exige grande esforço físico dessas mulheres que logo não suportam mais, além do fato que os ganhos salariais não compensam, diante do esforço empreendido.

Diante desses dados levantados fica nítido que essas canavieiras são superexploradas no contexto do agronegócio e que vivenciam a exploração para sobreviverem. Assim, todo o trabalho realizado por elas é cercado pela exploração.

Então, na seção seguinte analisamos as peculiaridades dessas sujeitas que precisam conquistar maior visibilidade nesse trabalho.

MULHERES AO TRABALHO! AS PECULIARIDADES DAS “BITUQUEIRAS” NOS CANAVIAIS NO MUNICÍPIO DE ITABERAÍ - GO

Na sociedade o trabalho das mulheres tem ganhado perspectiva considerável, mesmo contando com diferenças que muitas vezes são usadas como fator discriminante. No mundo do trabalho as mulheres exercem papel fundamental e mesmo exercendo funções exaustivas essas mulheres vão ao trabalho valorizando características inerentes ao gênero feminino.

Nesse sentido, foram realizadas entrevistas estruturadas com 12 mulheres “bituqueiras”. O nosso foco nesse sentido foi de apreender e fazer uma leitura do cotidiano

Sobre as atividades relacionadas pelas mulheres nos canaviais do município de Itaberaí, o “gato” Maria⁴ relatou que as mulheres cortavam cana juntamente com os homens e que apenas a 4 anos que o corte foi proibido para elas. A mesma relata que já cortou muita cana e não sabe o porquê do corte, que era realizado por mulheres foi proibido. Isso retrata que o corte de cana era uma realidade para trabalhadoras no município de Itaberaí-GO e que agora, segundo a informação dada pelo sindicato e pelo “gato” não é mais vivenciada, essa pode ser uma particularidade dos municípios, pois não obstante ainda se vê reportagens em telejornais citando essas trabalhadoras no corte de cana.

Segundo informações do “gato” Maria e do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Itaberaí-GO, as mulheres não realizam a mesma atividade dos homens que cortam cana. Elas realizam o trabalho de “catar bitucas”, que são pedaços pequenos de cana que cai dos caminhões que transportam a cana cortada, e, aquelas que não são extraídas com os golpes de podão.

Nesse sentido, segundo o sindicato dos trabalhadores rurais do município de Itaberaí a jornada de trabalho no canavial é de segunda a sábado, perfazendo 44 horas semanais, onde de segunda-feira até sexta-feira o horário é das 7 horas às 16 horas. Ainda tem o intervalo de 1 hora para almoçar, totalizando 8h diárias de trabalho, já no sábado o horário é das 07 horas às 11 horas.

Essa carga horária rege as atividades na cidade e deveriam ser diferenciada para as atividades no campo visto os diferenciais do campo que demandam mais esforço e maior exposição aos agentes intempéricos como a chuva e principalmente o sol.

No canavial, o tempo para o almoço é de 1 hora, sendo das 11:00 horas às 12:00 horas, o que nem sempre é respeitado. Assim, é nítido que as trabalhadoras praticamente ficam às 7 horas diárias de trabalho curvadas, em posição ereta dos membros e curvada do tronco realizando o trabalho denominado de “catar” os tocos e pedaços de cana-de-açúcar, que os cortadores e os caminhões de transporte deixam cair, juntando-os em montes.

⁴ Informações coletadas em entrevista realizada com o “gato” Maria no município de Itaberaí no dia 27 de agosto de 2011. (Informação verbal).

Além das vestimentas que de imediato as caracterizam como mulheres, algumas trabalhadoras também usavam batom em tom vermelho. O brinco, na maioria grande como os de argola também apareceram como acessórios nas trabalhadoras,

Nas trabalhadoras mais discretas, observamos os cabelos arrumados e cumpridos. Percebemos também, que não são todas que usam uniformes da empresa, algumas usavam calças *jeans*, e havia outras trabalhadoras com a calça do uniforme e por cima uma bermuda, *short jeans* ou de *lycra* como percebemos na foto 3.

Foto 3-Trabalhadoras canavieiras no ponto de ônibus perto do escritório da Centroálcool no município de Itaberaí-GO-2011



Fonte - Pesquisa de Campo (2011)
Autor – SANTOS, A. M. F. T dos. (2011).

Sobre a união e a fraternidade presente entre essas mulheres, o “gato” Maria destacou que elas são companheiras, chegando a dividirem as poucas e raras verduras, que por ventura alguma trabalhadora leva na “marmita”, pois predomina nas refeições o arroz, feijão e um pedaço de carne ou frango. Isso demonstra que a alimentação dessas mulheres é simples e não conta com variedades e nem frequentemente com porções de verduras, isso acarreta em uma precariedade da saúde dessas mulheres confirmando que o salário que lhes é pago não gera rendimentos para a aquisição de pelo menos uma alimentação adequada.

Esse quadro de superexploração é que mantém o agronegócio sucroalcooleiro, ele só se manter por que põe o trabalhador nessas condições de exploração e expropriação. E ainda essa superexploração é vivenciada pelas trabalhadoras, essas realizam reflexões sobre os pontos positivos e negativos no trabalho nos canaviais que se discorreremos a seguir.

Avaliando todo esse quadro que se mostra relevante para compreensão e análise do agronegócio sucroalcooleiro sobre os trabalhadores, apontamos algumas considerações.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O cultivo da lavoura de cana-de-açúcar produz impactos ambientais e sociais. Nesse sentido, no que se refere aos impactos sociais destacamos o contexto de subalternidade que a trabalhadora é posto. Enfocamos também que dentre as características que constituem a dinâmica das relações de trabalho estabelecidas na produção da cana-de-açúcar no município de Itaberaí, a partir das relações de poder e suas implicações no território, destacamos o uso do trabalhador canavieiro em um contexto de superexploração. Desse modo, analisamos que o agronegócio da cana no estado de Goiás e no município de Itaberaí se constitui na apropriação do território sendo essa conflituosa para as trabalhadoras, tendo como principal característica a monocultura, a exploração e expropriação da mão-de-obra.

Essas características são bases para uma leitura que permiti o contato e estabelecimento de características das relações trabalhistas presentes no campo com base no assalariamento, ligadas ao agronegócio sucroalcooleiro. Assim, as relações de trabalho na lavoura de cana-de-açúcar no município de Itaberaí vêm sendo marcadas principalmente pela presença das mulheres canavieiras, mais conhecidas como “bituqueiras”. Essas se permitem aspectos estéticos inerentes ao gênero feminino preservando-as como mulheres.

Como perfil, essas trabalhadoras ligadas a produção de cana no município de Itaberaí-GO, possuem pouca ou nenhuma escolaridade, possuem idade adulta jovem, não trabalham durante longos anos nos canaviais, residem em bairros periféricos no município, possuem pouca ou nenhuma escolaridade e por isso não conseguem mensurar a quantidade de peso que carregam em uma jornada de trabalho, confirmando também que não lhes é dado comprovante de produção diária, ainda, estes não receberam instruções para lidar com os instrumentos de trabalho.

Constamos que a maioria dessas trabalhadoras são oriundas de regiões tidas como precárias no contexto econômico brasileiro como a Bahia, Piauí, Maranhão, assim

motivados pela falta de condições para sobreviver esses sujeitos acabam por não ter escolha e são “encurralados” na trama do capital que o expropria e o explora.

As características dessas sujeitas descritas nessa pesquisa nos levam a concluir que o cultivo da lavoura de cana-de-açúcar é composto pelo agronegócio, a partir das relações de poder constituídas pelo domínio de um território que submete o trabalhador canavieiro em um contexto massacrante de desterritorialização e de superexploração.

Com base na estrutura agrária presente no cenário de expansão da produção agrícola no município de Itaberaí, frisamos que esse cenário nos permitiu uma análise *in locus* e por tal mais rica, contribuindo para uma reflexão destacando as formas de subalternidade que o trabalhador canavieiro está sujeito, no contexto da produção da monocultura da cana-de-açúcar inserida no agronegócio no município de Itaberaí.

Averiguamos que as relações de trabalho entre o produtor e o trabalhador braçal da cana são baseadas na subalternidade dos trabalhadores e essas relações de trabalho estabelecidas e constituídas nos canaviais do município de Itaberaí são desiguais e privilegiam o agronegócio em detrimento das trabalhadoras, sendo assim essas são características hegemônicas da dinâmica sucroalcooleira no cenário geral que envolve o agronegócio sucroalcooleiro.

Desse modo, o município de Itaberaí reproduz a dinâmica que desarticula o território dos trabalhadores para estabelecer o seu território expandindo assim os arranjos do capital no campo. Isso tende a mudar a conotação do campo de área com trabalho e vida em área de indústria e trabalho predominantemente assalariado. Esse cenário estabelece-se numa abrangência estadual e nacional do agronegócio sucroalcooleiro.

Assim, destacar o trabalho dessas mulheres é valorizá-las como elemento relevante da sociedade e como autoras do trabalho de maneira singular. Pensando nisso, percebemos que a superexploração é uma constante no quadro que compõe o trabalho das “bituqueiras” e marcada pela degradação do trabalho, e logo das trabalhadoras. Mesmo diante desse contexto de superexploração, essas canavieiras apresentam singularidades que as preservam enquanto gênero e que as valoriza como elemento relevante da sociedade e como autoras do trabalho de maneira singular.

Referências

CASTRO, Selma Simões de. **A expansão da cana-de-açúcar na Alta Bacia do Rio Araguaia.** Goiânia. 2008. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detail.jsp?id=74249>>. Acesso em: 12. Jan. 2011.

CONVENÇÃO COLETIVA DO SETOR CANAVIEIRO GOIANO. **26º Convenção Coletiva do Setor Canavieiro do Estado de Goiás**. Goiânia: Liberdade. 2010.

CONVENÇÃO COLETIVA DO SETOR CANAVIEIRO GOIANO. **27º Convenção Coletiva do Setor Canavieiro do Estado de Goiás**. Goiânia: Liberdade. 2011.

GOIÁS, SEPLAN - Secretária do Planejamento e Desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.r/sepim/perfilweb/croquis/Itabera%C3%AD.>>. Acesso em: 03 Out. 2010.

GOIÁS. SEPLAN. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. **Anuário Estatístico-2010**. Disponível em: <www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 15. Mai. 2011.

GOIÁS. SEPIM. Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. **Estatísticas Municipais**. Disponível em: <www.seplan.go.gov.br/sepim>. Acesso em: 20. Ago. 2011.

GRUPO FARIAS-Relacionamentos. Disponível em: <http://www.grupofarias.com.br/index_2.html>. Acesso em 15. Jan. 2011.

LOYOLA, M. P. **Caracterização do Setor Sucroalcooleiro no Estado de Goiás**. Universidade de São Paulo: Piracicaba. Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Departamento de Economia, administração e Sociologia. Grupo ESALQ-LOG. 2010. p.1-22.

MAPA - **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Disponível em: <<http://www.portaldoagronegocio.com.br/conteudo.php?id=28788>>. Acesso em 11. Mar. 2011.

MAPA – **Ministério da agricultura, Pecuária e Abastecimento**. Disponível em: <<http://www.ffatia.com.br/sala-de-imprensa/noticias/2010/08/02/goias-e-terceiro-lugar-em-numero-de-usinas-e-destilarias.html>>. Acesso em: 25. Set. 2010.

OLIVEIRA, A. M. S. de. **A relação capital - trabalho na agroindústria sucroalcooleira paulista e a intensificação do corte mecanizado gestão do trabalho e certificação ambiental**. 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente. Presidente Prudente – São Paulo. Disponível em: <<http://www.prudente.unesp.br/ceget>>. Acesso em 20. Set.2010.

SANTOS, A. M. F. T. dos. **O doce amargo nas relações de trabalho no cultivo de cana-de-açúcar no município de Itaberaí-GO**. 2011. 182f. Trabalho de Conclusão de curso (Geografia). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Goiás. Goiás-GO.

THOMAZ JÚNIOR, A. Novos referenciais, novos desafios. 2009.p. 166-174. In: **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI (Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos)**. Vol.2. 2009. Presidente Prudente-SP. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/LD/_pdf/volume2/Textos_do_autor.pdf>. Acesso em 26. Set. 2010.